

A Noite dos Desesperados – uma representação de Alexander McQueen
Desperate's Night / They shoot horses, don't they? – a representation of Alexander
McQueen

Márcia Helena de Mendonça ¹

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa na qual procurou-se estabelecer a interface entre a coleção de primavera, de 2004, assinada pelo designer Alexander McQueen, inspirada no filme *They shoot horses, don't they?*, produção de 1969, dirigida por Sydney Pollack, e que no Brasil recebeu o título de *A Noite dos Desesperados*. A análise é feita sob a ótica da História Cultural, de forma a assinalar a estreita relação entre os discursos presentes na moda e na corporeidade.

Palavras-chaves: McQueen, filme, coleção

Abstract: The present article is result from a research in which we tried to establish the interface between the spring collection of 2004, signed by the designer Alexander McQueen, inspired in the movie "They shoot horses, don't they?", production of 1969, directed by Sydney Pollack, and in Brazil received the title of "Desperate's Night". The analysis is made by the optic of Cultural History, in a way to signalize the strict relation between the present speeches in the fashion and corporeality.

Keywords: McQueen, movie, collection

¹ Historiadora, professora e jornalista. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes/UFMG, concentração em Cinema. É coautora dos livros *Binômio: Edição Histórica e Pensar Brasil: 500 anos*. Tem diversos artigos publicados em jornais e revistas nas áreas de Moda, Cinema e História. É coordenadora e professora do curso de Design de Moda do Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH. E-mail: marciahmendonca@yahoo.com.br

Decifrar a realidade do passado por meio de representações, reconstruir o não-vivido e o não-visto a partir de registros, imagens, traços, vestígios e fragmentos de um outro tempo é uma das propostas da História Cultural. Por mais complexo que se revele um passado ou um evento, cabe ao historiador desvendar e interpretar o que pertence ao imaginário de uma época, ou seja, seus códigos, símbolos, significados e ideologias, para, então, reconstruí-los e ressignificá-los.

A nova História Cultural estruturou-se na França, em meados de 1970, num momento em que determinados historiadores sentiam-se esgotados por métodos ou modelos que apresentavam explicações globalizantes e análises redutoras da realidade, e passaram a enveredar pesquisas sobre assuntos analisados exaustivamente, abrindo, dessa forma, caminho para o desenvolvimento de uma historiografia que contemplasse uma temática diversificada e, de certa forma, ainda pouco estudada, como a culinária, as vestimentas, as artes, as imagens. Tratava-se de uma busca por novas possibilidades de interpretação do mundo e por novos campos de estudo.

O designer inglês Alexander McQueen, morto em fevereiro de 2010, apresentou, em 2004, sua coleção de verão em Paris, inspirada no filme *They shoot horses, don't they?* (Mas não se matam cavalos? – em tradução livre), produção de 1969, assinada pelo diretor norte-americano Sydney Pollack, que se baseou na obra homônima do escritor e jornalista estadunidense Horace McCoy, publicado em 1935. Lançado no início da década de 1970, no Brasil, o filme recebeu o título de *A Noite dos Desesperados*, tornando-se sucesso de público e de crítica.

A história tem como cenário a Grande Depressão de 1929, considerada uma das maiores crises do capitalismo do século XX. No final da década de 1920, os Estados Unidos passavam por um momento de euforia econômica, com a indústria funcionando a todo vapor, fazendo com que milhares de pessoas se transformassem em ávidos consumidores. Economias de uma vida inteira tinham como destino Wall Street, e os investimentos em ações eram feitos na Bolsa de Valores de Nova York. Mas todos os sonhos desabaram em 24 de outubro de 1929, a famosa Quinta-feira Negra, quando as ações caíram vertiginosamente e fortunas acumuladas ruíram literalmente da noite para o dia. Com o *crash* da bolsa, milhares de pessoas perderam seu patrimônio, e a recessão

atingiu todos os setores da economia norte-americana, dando origem a uma depressão nunca vista antes, expressa pelos altos índices de desemprego, pela fome e pela miséria espalhados no país.

Com a bancarrota da economia americana, os desempregados passaram a perambular pelos quatro cantos da América, sem qualquer perspectiva de vida e de trabalho, sujeitando-se a todo tipo de atividade, por mais degradante que fosse. Somente entre os anos de 1929 e 1933, a cidade de Nova York registrou um número altíssimo de suicídios, haja vista a falência de inúmeras empresas e o desespero de pequenos e médios aplicadores da bolsa.

A Noite dos Desesperados é ambientado em um concurso de dança, e os casais inscritos, vindos de várias cidades do interior dos Estados Unidos, tinham que cumprir a sinistra tarefa de passar horas, dias e noites dançando, com direito a pequenos intervalos interrompidos pelo toque de uma sirene que os fazia retornar ao salão. Extenuados pela dor e pelo cansaço, os casais tinham ainda que participar de uma maratona que mais se assemelhava a uma corrida de cavalos, e a dupla que chegasse por último seria desclassificada.

Do outro lado do salão, o jogo sórdido e cruel de torcedores que apostavam nos casais de sua preferência, e nem mesmo a morte de um maratonista que disputava a corrida fora suficiente para deter o desumano evento. A eliminação do concorrente era vista como fato comum, banal. Os casais que não possuíam patrocinadores viam suas roupas se decompondo e puindo, enquanto os que recebiam patrocínio de algumas poucas empresas existentes eram obrigados a usar uniformes e a carregar anúncios e números nas costas. Um lúgubre salão de baile, típico da década de 1920, com arquibancadas, luzes e torcidas organizadas, em muito se assemelhava com as arenas dos circos romanos ou dos atuais *reality shows*, alardeados pela mídia como simples produto e pela absoluta falta de ética e de respeito ao ser humano.

O sonho de chegar aos estúdios de Hollywood pelas mãos de falsos produtores e o cobiçado prêmio de US\$ 1 mil acabaram se transformando na atitude resignada dos participantes de comer de graça durante o concurso. No filme, a dança e a maratona simbolizam um microcosmo no qual as representações da vida e dos dramas pessoais de seus diferentes personagens misturam-se e atritam-se num cenário onde imperam a sordidez, a degradação humana, a lei do *mais forte* e do *mais competente*, como ditam

as regras vigentes do mercado. Não eram pessoas que se lançavam a humilhante maratona, e sim cavalos disputando um *derby*.

Com coreografia assinada por Michael Clark, o designer Alexander McQueen fez uma releitura do filme usando modelos e bailarinos que alternavam números de dança e de maratona ao som da orquestra de Duke Ellington e das *big bands* de Tommy Dorsey e Benny Goodman. A coleção foi considerada por críticos e especialistas de moda, como a mais criativa das últimas temporadas daquela época, pois o designer souber representar, de forma lúdica, sombria, contundente e política um dos períodos mais dramáticos do século XX no Ocidente. No desfile que teve como cenário o Salle Wagram, um decadente salão parisiense do século XIX, modelos se apresentavam com capas de cetim nas cores cinza e preto, vestidos de *chiffon* e de seda, saias e boleros em estilo anos 1930, misturados aos tops atléticos e roupas com estampas de números, típicas dos maratonistas. Ao final, os corpos dos modelos eram tomados pela fadiga e pela exaustão, mais parecendo seres sem vida, exauridos pelo prolongado esforço físico em corpos que assumem intrincadas redes de significações. Tarefa que, de acordo com Sandra Pesavento (2003)

É preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças ou *puzzle* de peças, capazes de produzir sentido. Assim as peças se articulam em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significados, ou então se combinam por contrastes, a expor oposições ou discrepâncias. Nas múltiplas combinações que se estabelecem, algo será revelado, conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado.”

O foco dessa cruel história está centrado nos personagens Gloria Beatty e Robert Syverton, interpretados, respectivamente, por Jane Fonda e Michael Sarrazin. Gloria é a jovem destrutiva e desiludida, e Robert, o frágil e ingênuo rapaz. Ambos caminham para o desfecho trágico que nos remete ao início do filme e ao seu título original *Mas não se matam cavalos?*

Seres humanos e animais estão no mesmo patamar. O concurso de dança e a maratona expressam a realidade bruta, excludente e banalizada, cada vez mais presente nos dias atuais, principalmente por meio da difusão da ideologia neoliberal, que seleciona os mais “capazes e competentes” por meio de critérios meramente técnicos. O filme nos permite fazer inúmeras analogias, tanto no que diz respeito à contemporaneidade, sob a

égide dos interesses capitalistas e, conseqüentemente excludentes, seja pela relação entre o concurso de dança e a luta de gladiadores na Roma antiga, na qual a espetacularização da violência e a eliminação dos fracos era regra a ser seguida. Regra ou condição que os *reality shows* colocam de forma aviltante e aética, como condição daqueles que disputam um lugar ao sol. É ainda uma crítica ácida ao universo *fashion*, onde o lucro, o marketing e a comercialização dos produtos, se sobrepõem, na maioria das vezes, à criação, e, neste sentido, por meio de uma narrativa multissignificativa, de uma coreografia e música que sustentam o discurso político, o desfile de McQueen empreende uma discussão abrangente, extremamente pertinente aos dias atuais.

Ao reconstruir figurinos e cenários desta época, o *designer* nos conduz, por meio da Moda e da Estética, à dura e cruel realidade vivida pela maioria da população norte-americana durante a crise de 1929, e nos faz pensar no mundo dos sonhos, das ilusões e dos desejos perdidos, dos limites entre a dignidade e o instinto de sobrevivência do ser humano, e no quanto é difícil, ou até mesmo impossível, separar o real do imaginário.

Alexander McQueen possui uma trajetória marcada por uma visão livre, autoral, conceitual, que se refletia nas suas coleções por meio de temáticas sempre instigantes, trazendo à tona a complexidade do corpo humano. Corpo performático, território para inúmeras intervenções, que revela subjetividades, possui discurso político, dialoga com a ética, a transgressão, denuncia a violência e a miséria humanas, subverte e demole, com a mesma rebeldia, sacralizadas silhuetas, formas e estruturas do mundo *fashion*. A moda por si só não bastava para McQueen, e o designer foi buscar na arte, na tecnologia, no teatro, no circo, no cinema, entre outras linguagens, formas de transformar suas roupas e desfiles em questionamentos muitas vezes incômodos, como fez com os anônimos em seu desfile inspirado no filme de Sydney Pollack.

A recusa à obviedade, às fórmulas e às tendências fáceis era um de seus traços. Ao assumir a Givenchy, em 1996, sofreu inúmeras críticas por seu estilo contestador, demolidor, levando a *maison* quase à falência por suas propostas inovadoras, radicais e principalmente para aqueles que sempre viram neste segmento um meio para a comercialização.

Adepto do desfile–espetáculo, resultante de uma arte performática híbrida, não-vinculada aos aspectos comerciais da indústria da moda, e que não raro encerrava os

eventos com finais explosivos, poéticos ou dramáticos, McQueen surpreendeu a todos no ano de 1999, ao apresentar no desfile de primavera, uma modelo girando lentamente, como se estivesse numa caixinha de música, em um palco circular, enquanto duas pistolas de pintura robotizada alvejam o vestido branco com tintas amarela e preta. No desfile de outono, o designer eliminou as modelos substituindo-as por manequins de plástico. A jovem Aimme Mullins, então com 23 anos, apresentou-se no desfile com próteses em suas pernas amputadas. Além de buscar a novidade usando modelos não-convencionais, McQueen inovou com o espaço usado para o desfile dessa temporada.

O lançamento de outono de McQueen em 1999 deu-se num armazém de transportes representando um gigantesco contêiner de plástico cúbico de seis metros, o qual encerrava uma cena de *O Iluminado*, de Stephen King, inspiração do designer para a temporada. A terra castigada pelo inverno tinha árvores, um lago congelado esculpido em vinte e cinco toneladas de gelo e sons de vento e uivo de lobos". (DUGGAN, 2002 p.8)

Seu último desfile, apresentado em fevereiro deste ano na Semana de Moda de Paris, apresentou, num cenário místico e futurista, evocando obras de Bosch e Botticelli, uma gama de cores e texturas, estampas orgânicas, volumes ousados, brilhos, assimetrias, plataformas gigantes e modelos desfilando com expressões frias, lacônicas. Ao final, ouve-se a música *Bad Romance*, de Lady Gaga.

As representações feitas por Alexander McQueen mostram o quanto a vestimenta e a moda podem fornecer chaves, não só para revelar e desvendar ligações entre o passado e o presente, mas também para tecer uma crítica contundente à degradação humana que tem se familiarizado cada vez mais entre nós e se revelado de forma banal. As recriações do designer não são cópias fiéis e literais de uma determinada abordagem, seja ela no plano político ou estético, de um período escolhido como, por exemplo, a crise de 1929. Estão impregnadas pelo imaginário, que por sua vez se remete não só às coisas do cotidiano da vida dos homens, como comporta utopias e elaborações mentais. Um imaginário que se reporta à vida, mas também ao sonho. Ao representar o período da depressão norte-americana, as imagens do desfile estabeleceram uma mediação entre o real e o imaginário e uma busca pela alteridade.

A criatividade e a genialidade de McQueen extrapolavam o mero campo da moda para se constituir num território em que a subjetividade, a arte, o sombrio e o lúdico coexistiam em todas suas criações. Ao exercitar seu olhar para temas, traços e detalhes considerados muitas vezes secundários, como a vestimenta, por exemplo, Alexander

McQueen vai além do que foi mostrado, do que foi dito e lido, resgatando, a partir da experiência histórica de indivíduos anônimos, sentimentos, perdas, dores e emoções, numa tradução historicizada e socializada.

Referências:

AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. São Paulo: Ed. Papirus, 2008.

----- . *O olho interminável*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2004.

CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana (org). *A moda do corpo o corpo da moda*. São Paulo: Ed. Esfera, 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

DUGGAN, Ginger Gregg. *O maior espetáculo da terra: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática*. In: Fashion Theory – A Revista da Moda, Corpo e Cultura. São Paulo: Anhembi Morumbi, Volume 1, Número 2, 2002.

MESQUITA, Cristiane. *Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2004.

METZ, Christian. *A significação no cinema*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

PARKER, Selwyn. *O crash de 29 – As lições que ficaram na Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

WEB REFERÊNCIAS

Disponível em <<http://dpjusta.blogspot.com/2010/02/homenagem-postuma-contemporaneidade-de-html>>. Acesso em 11/05/2010 20:46.

Disponível em <http://www.abril.com.br/mulher/fotos/morre-estilista-britanico-alexander-mcqueen-relembre-suas-melhores-criacoes-5330_26.shtml>. Acesso em 06-05-2010 20:45.

Disponível em <http://oimoda.com.br/news/tag/alexandermcqueen/>. Acesso em 12/05/10 21:49.



Cena do desfile inspirado no filme *A noite dos desesperados*, produção de 1969.



Modelos desfilam as roupas da maratona de dança do filme de Sydney Pollack.



O designer ia apresentar sua próxima coleção em março de 2010.

